

## ANÁLISE MORFOESTRUTURAL DO INTERFLÚVIO BAIXO RIO XINGU - BAIXO RIO TOCANTINS, NOR-NORDESTE DO ESTADO DO PARÁ

Amanda Valéria da Silva Rocha<sup>1</sup>; Rose de Fátima Santos Assunção<sup>2</sup>; Mário Ivan Cardoso de Lima<sup>3</sup>

<sup>1</sup> UFPA/IG/FAGEO; <sup>2</sup> UFPA/IG/FAGEO; <sup>3</sup> IBGE

**RESUMO:** A região estudada situa-se na porção nor-nordeste do Estado do Pará, interflúvio Baixo rio Xingu - Baixo rio Tocantins, folhas SA.22-Y-A e SA.22-Y-B, em uma área de cerca 36.300 km<sup>2</sup>. Objetiva-se apresentar uma análise morfoestrutural da região em epígrafe fundamentado em imagens de Radar GEMS (banda X) e modelos interferométricos SRTM, e informações disponíveis na literatura geológica da região enfocada. Assomam na região sedimentos cretáceos relativos à Formação Alter do Chão, coberturas detrítico-lateríticas paleogênicas e neogênicas, e sedimentos quaternários sob a forma de terraços pleistocênicos e aluviões recentes. O relevo dominante é o de platôs e dissecados com altimetria em torno de 170 m a 130 m, tabuleiros com altimetria entre 60 e 40 m, terraços e planícies aluviais, os quais são cortados por rede de drenagem com padrões retangular-paralelo, anular-radial e dendrítica-retangular. Duas grandes unidades morfoestruturais foram delineadas. A primeira a ocidente, envolvendo a bacia do Baixo rio Xingu, representado pelo Baixo rio Xingu e seu afluente pela margem esquerda rio Jarauçu, aqui denominada de Morfoestrutura Baixo Xingu (MBX). A outra, a oriente, abrangendo a Bacia do Baixo rio Tocantins envolvendo os rios Alto Anapu e Pacajá, que aqui será chamada de Morfoestrutura Baixo Tocantins (MBT). Na MBX dominam os platôs em fase de dissecação controlados por fraturas NNE-SSO e OSO-ENE, compondo marcante alto estrutural, Alto do rio Jarauçu, orientado cerca de E-O, tipificado por significativa anomalia de drenagem do tipo anular de conformação elíptica e grau de estruturação de 75%. Na calha do Baixo rio Xingu assomam as falhas normais meridianas e falhas transferentes destrais, formando um íbaxo estrutural, aqui denominado de Gráben do Baixo Xingu, orientado segundo NNO-SSE. Na MBT dominam as falhas transcorrentes destrais oblíquas com orientação NE-SO, resultando romboedros transpressivos e “meias laranjas” com grau de estruturação de 75%. Falhas normais meridianas; a exemplo da calha do rio Alto Anapu, formando uma estrutura grabenforme. Em termos cinemáticos interpreta-se para a região o sigma1 (vertical), ao passo que o sigma2 (horizontal) teria orientação NE-SO a ENE-OSO, com movimentação dextral e o sigma3 (horizontal) estaria disposto segundo NO-SE. Em vista disso as principais zonas de distensão orientar-se-iam segundo NNO-SSE a NNE-SSE e as zonas de compressão segundo NE-SO a ENE-OSO. Evidências de eventos neotectônicos são marcantes não só pelas anomalias de drenagem, em especial as “meias laranjas”, como também por inflexões abruptas de rios de hierarquia fluvial elevada, exemplo dos rios Xingu e Alto Anapu, com a presença de extensos depósitos fluviais à jusante, com implicações econômicas alvissareiras para minerais pesados. Tais feições estão relacionadas à implantação e reativação do Arco de Gurupá que ocorre a oriente, com início no Cretáceo e pulsos de idades paleogênica e neogênica. Os platôs da região do Alto do rio Jarauçu relacionam-se ao mesmo nível de aplanamento dos depósitos bauxitíferos de Juruti-PA, abrindo amplas perspectivas de prospecção para esse bem mineral nos mesmos.

**PALAVRAS-CHAVE:** MORFOESTRUTURAS; RIO XINGU; NEOTECTÔNICA.